

O TEXTO DA CIDADE: POSSIBILIDADES DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO A PARTIR DE UMA CARTA DE LEITOR

THE CITY TEXT: POSSIBILITIES FOR READING AND INTERPRETATION FROM A READER'S LETTER

EL TEXTO DE LA CIUDAD: POSSIBILIDADES DE LECTURA E INTERPRETACIÓN DE UNA CARTA DEL LECTOR

Wesley Baptista¹

Resumo: Este trabalho, a partir da análise de uma Carta de Leitor, teve por objetivo identificar possíveis eventos de letramento apresentados no discurso do seu autor e refletir sobre as percepções e sensibilidades flagradas nesses eventos de letramento, que sugeririam uma dada constituição subjetiva do que é ser cidadão. Para tanto, nos pautamos nas contribuições de Street e Kleiman no que se refere ao letramento, e as de Bonafé, Bresciani e Rolnik, ao olhar para a cidade como constituída de relações e prática sociais, para além de sua materialidade, e a possibilidade de considerá-la um texto a ser lido e interpretado. Destarte, foi possível identificar eventos de letramento que contribuíram para uma perspectiva subjetiva do que é ser cidadão, tomando como referência o modelo interpretativo social e culturalmente determinado do autor da Carta de Leitor ao interpretar os símbolos e signos da urbe.

Palavras-chave: Cidade; letramento; práticas sociais.

Abstract: This work, based on the analysis of a Reader's Letter, aimed to identify possible literacy events presented in the author's speech and reflect on the perceptions and sensitivities detected in these literacy events, which would suggest a given subjective constitution of the which is to be a citizen. To this, we used the contributions of Street and Kleiman as regards literacy, and those of Bonafé, Bresciani and Rolnik, with regard to looking at the city as constituted by social relations and practices, beyond its materiality, and the possibility of considering it a text to be read and interpreted. Thus, it was possible to identify literacy events that contributed to a subjective perspective of what it means to be a citizen, taking as a reference the socially and culturally determined interpretative model of the author of the Reader's Letter when interpreting the symbols and signs of the city.

Keywords: City; literacy; social practices.

Resumen: Este trabajo, a partir del análisis de una Carta del Lector, tuvo como objetivo identificar posibles eventos de alfabetización presentados en el discurso del autor y reflexionar sobre las percepciones y sensibilidades detectadas en estos eventos de alfabetización, lo que sugeriría una determinada constitución subjetiva de la cual. es ser ciudadano. Para ello, se utilizaron las aportaciones de Street y Kleiman en materia de alfabetización, y las de Bonafé, Bresciani y Rolnik, en cuanto a mirar la ciudad como constituida por relaciones y prácticas sociales, más allá de su materialidad, y la posibilidad de considerarla un texto para ser leído e interpretado. Así, fue posible identificar hechos de alfabetización que contribuyeron a una perspectiva subjetiva de lo que significa ser ciudadano, tomando como referencia el modelo interpretativo social y culturalmente determinado del autor de la Carta del Lector a la hora de interpretar los símbolos y signos de la ciudadanía.

Palabras clave: Ciudad; literatura; practicas sociales.

¹ Faculdade XV de Agosto; Universidade São Francisco.

Introdução

A cidade é um lugar por excelência da diversidade, da convergência e da divergência de pensamentos, ações e propostas. Não é possível pensar a cidade sem pensar em quem nela habita e por ela é habitado, nos diferentes sujeitos que fazem parte da paisagem urbana, nas relações que se constituem no tecido urbano, a partir de suas vivências e experiências cotidianas.

Para Le Breton (2016), o corpo, os sentidos e as sensibilidades se imbricam no processo de experimentar o mundo, logo, no processo de experimentar a cidade, o que permite configurar uma profusão de significados, sensações e percepções que são individuais, mas também construídas na coletividade, historicamente, no processo de desenvolvimento social e educacional.

Nesse entendimento, este trabalho ancora-se nos *Novos Estudos sobre Letramento* (KLEIMAN, 1995, 2005; STREET, 2010) e na perspectiva da História Cultural (PESAVENTO, 2007a, 2007b; THOMPSON, 1998, 1981; TABORDA, 2012) que, atravessada pela noção de cultura, abre possibilidades para a investigação de práticas, saberes, valores e sensibilidades imbricados nas práticas sociais dos sujeitos históricos, no tempo e no espaço. Isso permite “pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. [...] Uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica” (PESAVENTO, 2007b, p. 15).

Destarte, o trabalho visou, a partir da análise documental de uma Carta de Leitor, do jornal *Correio Popular*, que apresenta significações vinculadas à uma percepção subjetiva e particular sobre determinada territorialidade da cidade de Campinas – SP, e considerando a cidade como um texto passível de leitura e análise: a) identificar possíveis eventos de letramento apresentados no discurso do autor da Carta de Leitor; b) refletir sobre as percepções e sensibilidades flagradas nos eventos de letramento que sugeririam uma dada constituição subjetiva do que é ser cidadão.

Para tanto, na primeira seção, pontuamos o percurso teórico-metodológico que sustenta esta pesquisa, trazendo à baila as contribuições de Bonafé (2013), Bresciani (2013) e Rolnik (1995), no que tange à possibilidade de considerar a cidade como texto passível de leitura e análise; assim como a colaboração de Kleiman (1995, 2005) e Street (2010) sobre letramento enquanto uma prática social e historicamente construída.

Na segunda seção, apresentamos a análise e algumas implicações dos possíveis eventos de letramento observados na Carta de Leitor, na relação com o aporte teórico. Assim, apresentamos a identificação do evento de letramento que circunscreve a identificação de padrões predefinidos dos sujeitos marginalizados citados pelo autor e os indícios de sua percepção sobre o que é ser cidadão, seguido por uma reflexão sobre as relações econômicas pautadas na produção e consumo que legitimam o texto da cidade e reforçam as relações e percepções de pertencimento e exclusão.

Por fim, na última seção, são apresentadas as considerações finais, trazendo nossas percepções sobre o tema abordado neste trabalho.

A leitura da cidade

A cidade não é apenas um conjunto de ruas e caminhos a serem percorridos, mas textos a serem lidos, visto que todos os elementos que a constituem e distinguem são discursos de territórios e territorialidades que imprimem um processo de constituição de sujeitos, modos de ser e estar, no espaço da urbe, de forma polissêmica (BONAFÉ, 2013). Visto que o espaço é constituído e construído pelo ser humano, nele exerce suas ações, transformando-o e impondo-lhe uma ordem, formas diversas de perceber os movimentos artísticos, culturais, sociais, econômicos e de lazer que em si estão presentes (LAMAS, 2004).

Dietzsch (2006, p. 728) defende a cidade como sendo mais que uma simples paisagem geográfica, mas um símbolo da existência humana, constituída pelo cidadão – aquele que habita a cidade – e pelos diversos traçados e fios que se emaranham em múltiplas vozes e significações, como um texto polissêmico, a partir de suas “imagens e sentidos em dispersão”.

Nesta mesma perspectiva, Ítalo Calvino nos oferece subsídios para refletir sobre a proposição da cidade como um texto passível de leitura e interpretação ao postular que:

Se um edifício não contém nenhuma insígnia ou figura, a sua forma e o lugar que ocupa na organização da cidade bastam para indicar a sua função: o palácio real, a prisão, a casa da moeda, a escola [...], o bordel. [...] O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando [...], não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (CALVINO, 2003, p. 09).

Ao encontro de Calvino, Escolano (2001) aponta:

O viajante toma contato pela primeira vez com uma população, pode observar e nela diferenciar, ainda sem conhecê-la, a singularidade de certas construções. Sua localização, o volume, o traço geométrico, os sinais que o seu desenho mostra, os símbolos que incorpora... tornam inconfundível seu objetivo e permitem sua fácil identificação (ESCOLANO, 2001, p. 34).

Com isso, esse autor, ao propor uma análise de edifícios arquitetônicos – sobretudo da arquitetura escolar e sua localização na urbe – propõe que estes compreendem um programa cultural e pedagógico que possui um papel de simbolização na vida social. Trata-se de uma relação semântica a partir dos signos e símbolos exibidos, para além da “ordem construtiva, um sistema de intenções, valores e discursos, um jogo de simbolismos que atribuem [...] uma tradição cultural [capaz de desvelar] traços que guiam a conduta” (ESCOLANO, 2001, p. 39).

Assim, consideramos que a localização geográfica, a arquitetura, o desenho das ruas e das casas, os usos e ocupações de determinados espaços da cidade configuram discursos passíveis de serem lidos. Devem, portanto, ser decifrados e interpretados como textos que apresentam a relevância e o significado desses espaços nas experiências dos grupos sociais diversos, demonstrando, também, os sujeitos que podem ou não fazer parte desse território (BAPTISTA, 2017; ROLNICK, 1995).

As relações que se desvelam nestes espaços e lugares significados implicam em uma educação dos sentidos e das sensibilidades (TABORDA, 2012). Isso implica em formas de perceber e interpretar o mundo a sua volta, pois composta de uma configuração simbólica, interpretativa, marcada pela subjetividade do observador, por sua história, memória, cultura, não se constituindo como uma realidade, mas uma maneira de pensá-la, senti-la e significá-la (LE BRETON, 2016).

Dessa forma, ao caminhar sobre as ruas de uma cidade e olhar para a sua composição, nossas percepções e sensibilidades são educadas a perceber os caminhos e os locais que devem ou não ser percorridos nos diversos horários do dia, a partir da leitura que se faz dos espaços e das práticas sociais cotidianas que marcam e caracterizam os territórios da urbe, e identificar os diferentes sujeitos que compõem esses espaços com “uma atividade do olhar, [...] uma identificação visual” [...] (BRESCIANI, 2013, p. 16) que dá conta por inteiro da composição da cena de rua. Isso permite identificar, localizar e designar identidades por meio de um conjunto de sinais aparentes, e, assim, categorizar e hierarquizar os diferentes grupos.

Viver numa grande cidade implica o reconhecimento de múltiplos sinais. [...] Se o olhar do transeunte, que fixa fortuitamente uma mulher bonita e viúva ou um grupo de moças voltando do trabalho, pressupõe um conhecimento da cor do luto e das vestimentas operárias, também o olhar do assaltante ou o do policial, buscando ambos a sua presa, implica um conhecimento específico da cidade. [...] A peculiaridade das figuras permite-lhe agrupá-las e ao mesmo tempo hierarquizar os grupos (BRESCIANI, 2013, p. 16-19).

Essa ação está associada ao reconhecimento e interpretação de uma diversidade de signos e símbolos circunscritos em um contexto dialógico, social e histórico específico, marcado por ideologias e relações de poder. Desse modo, nos aproximamos dos Novos Estudos sobre Letramento, mais precisamente sobre o conceito de letramento, que nos permite olhar os textos da cidade como “[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19). A autora ainda ressalta que os textos estão marcados não apenas por aspectos da cultura, mas também pelas estruturas de poder da sociedade.

Como já situado, compreendemos a cidade como uma linguagem, um texto passível de leitura e interpretação em todas suas dimensões (BONAFÉ, 2013). O que vai ao encontro da perspectiva de Kleiman (1995, 2005) e Street (2010), de que o letramento corresponde a uma prática que permeia todos os lugares, instituições e esferas de atividade. Dessa forma, podemos considerar a cidade e sua composição como uma agência de letramento, assim como a escola, a família a igreja, a rua (KLEIMAN 1995). Além disso, ela pode ser compreendida como promotora de eventos de letramento, pois proporciona “[...] situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido à situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas” (KLEIMAN, 1995, p. 40).

Nessa perspectiva, voltamo-nos para a cidade e para os diversos sujeitos que compõem o espaço da urbe, nas múltiplas práticas socioculturais que matizam o cotidiano, para refletirmos sobre algumas possibilidades de letramento que ela propicia.

A cidade e suas possibilidades de leitura

Dado o que foi apresentado até este ponto, podemos pressupor que é possível pensar a cidade no mover da vida urbana como um espaço de disputa e conflito diante da diversidade de modelos que ela pode suscitar e acolher? Lefebvre (2001, p. 22) nos permite entender que sim, a partir do seu postulado de que “[...] a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na cidade”.

Haja vista os conflitos que geram disputas, os encontros e desencontros estão alicerçados não só em concepções ideológicas e políticas, mas também em concepções culturais, de territorialidade e identitárias construídas historicamente. Assim, o espaço, tendo sido apropriado por determinados grupos, através das relações de poder vigentes, torna-se muitas vezes palco de normas estabelecidas ou convencionadas por estes. Por sua vez, sujeitos que não correspondem ao imaginário difundido naquele determinado espaço tendem a ser marginalizados ou desconsiderados (PESAVENTO, 2007b).

Nessa perspectiva, apresento uma Carta de Leitor do jornal *Correio Popular*², da cidade de Campinas, estado de São Paulo, assinada pelo advogado Henry Charles Ducret, que nos oferece subsídios para refletir sobre essas questões.

Cidade limpa

A nossa cidade, que já foi considerada umas das mais limpas, cultas e civilizadas do País, infelizmente vem sofrendo com número exagerado de mendigos, desocupados e malandros que infestam o Largo da Catedral, Correios, Fórum e outros locais próximos. As sujeiras e imundícies, verdadeiros criadores de dengue, escorpiões, fezes e urina são comuns, tirando a beleza e arruinando comerciantes, escritórios e a própria igreja. Está na hora de se por um paradeiro, solicitando às autoridades competentes, socorro. O povo, comerciantes, compradores e vendedores agradecem. Cidade limpa, povo civilizado (DUCRET, 2019, p. A3).

A Carta de Leitor apresentada revela a “atividade do olhar” do seu autor, em um evento de letramento, matizada por sua perspectiva do que é ser cidadão e ser civilizado, no diálogo com as práticas sociais executadas pelos diversos sujeitos, que compõem o texto da cidade, apresentados por ele.

Os “mendigos, desocupados e malandros”, nominados pela identificação visual, ou seja, pela leitura dos símbolos e signos “da pobreza” – o que podemos inferir e considerar: roupas puídas, expressões faciais e corporais peculiares, baixo acesso às condições de higiene pessoal, autocuidado debilitado, falta de acesso às condições favoráveis de trabalho, saúde emocional e/ou mental prejudicadas, local de permanência e práticas sociais distintas –, é o que lhe causa espanto e indignação. São apresentados então como ameaçadores da vida urbana, devido sua condição precária de vida, identificados pelo autor como pestes ou pragas ao serem tomados como sujeitos que “infestam” espaços sacralizados da urbe (BAPTISTA, 2017).

Os sujeitos marginalizados, identificados como o antônimo do que é considerado pelo autor como expressão de limpeza, cultura e civilização, fazem parte de uma lógica do letramento da cidade. Nela se estabelecem relações complexas entre elementos que constituem subjetivações e significações e, em decorrência, interpretações e composições potencializadoras do sujeito no território urbano (BONAFÉ, 2013).

Estas relações, segundo Bonafé (2013), produzem saberes geradores de conflitos que tencionam a significação das experiências de vida, educando o sujeito segundo padrões preestabelecidos: um perfil de pessoa que pode estar em locais como o “Largo da Catedral” – uma praça central da cidade – e outro daquelas que não podem.

A cidade se dá a ler em suas práticas sociais, permeadas por estes padrões complexos, historicamente constituídos, que são geradoras de percepções, sensibilidades e interpretações (STREET, 2010). Porém, não são elas que definem o que se entende, nesse caso, por cidadão, mas sim o dialogismo entre os sujeitos do evento de letramento, pois “circulam em suas ruas, comportamentos, valores cívicos e morais, estilos e modos de vida, práticas culturais elaboradas, em relação às quais construímos significados sobre o sentido de ser cidadão” (BONAFÉ, 2013, p. 446). Assim, consideramos que estes eventos, em que essa dada leitura acontece, é que permitem a caracterização do letramento e a sua potencialização (KLEIMAN, 1995).

² O jornal *Correio Popular* teve sua fundação em 4 de setembro de 1927, pelo jornalista Álvaro Ribeiro (1876-1929). Atualmente é o jornal de maior circulação da cidade e faz parte do Grupo RAC (Rede Anhanguera de Comunicação), responsável também pela publicação dos jornais *Diário do Povo*, *Notícias Já*, *Gazeta de Piracicaba*, *Gazeta de Ribeirão Preto* e das revistas *Metrópole* e *Panorama*.

Esse evento de letramento, essa forma de ler o texto da cidade, pode ser considerado incluído no modelo ideológico proposto por Street (2010), pois é determinado em um grupo social e cultural específico, marcado pelas significações e contextos das instituições ou agências de letramento que foram adquiridos ao longo da vida, no contexto educacional, familiar, nas relações de trabalho, entre outros, e mediados por relações de poder.

Tempo, espaço, produção e consumo

A perspectiva do letramento de modelo ideológico toma forma ao considerarmos os sujeitos que não causam incômodo ou surpresa para o autor da Carta de Leitor, que estão tipificados nas práticas de produção e consumo. São sujeitos que não são mencionados, mas, sim, suas práticas, “comerciantes”, “compradores”, “vendedores”, pessoas “dos escritórios”.

Nesse sentido, retomo Bresciani (2013), que denuncia o que podemos, também, considerar como padrões preestabelecidos do que é ser cidadão. Assim o faz ao flagrar na literatura a falta de surpresa ou incômodo do observador das multidões sobre os sujeitos que andam apressadamente pela praça e pelas ruas, sujeitos que regulam seus passos ao ritmo do relógio, no intento de chegar ao escritório, aos seus postos de trabalho, compondo assim o “[...] tecido social da grande cidade, [que] desvenda o *tempo útil* do trabalho como parâmetro necessário à atividade do olhar” (BRESCIANI, 2013, p. 17, grifo do autor).

Esse tempo útil, segundo Thompson (1998), está relacionado ao trabalho, ao tempo produtivo, a um período que é organizado e controlado, que direciona as ações diárias dentro de novos estímulos e disciplinas de um labor que é o da máquina. Portanto, “[...] todo o tempo deve ser consumido, negociado, *utilizado*”; para que o sujeito, agora trabalhador, não desperdice ou passe seu tempo com vadiagem ou com o ócio, pois “é uma ofensa que a força de trabalho meramente ‘passe o tempo’”, pois não há tempo a se perder, visto que ele flui de maneira rápida e, da mesma forma, o tempo útil com ele (THOMPSON, 1998, p. 298).

Contribuindo para esse pensamento, Pesavento (2007a, p. 13) assevera que a cidade é tomada como um “[...] *locus* da acumulação de capital, como o epicentro da transformação capitalista do mundo”, o que gera um problema para reflexão: as representações sociais que acabam por produzir e se objetivar em práticas sociais.

De tal modo, entendemos que sujeitos fora desta lógica de produção e consumo, como os “mendigos” e “desocupados” da referida Carta de Leitor, são excluídos do espaço central da cidade, marcados por estas representações sociais que se objetivam em práticas. Consideramos estas como sendo as relações econômicas – dos “escritórios [...] comerciantes, compradores e vendedores” – apontadas pelo advogado como vítimas arruinadas pelos sujeitos que não compõem o perfil projetado para o espaço da urbe, já que não trabalham e não consomem, não correspondendo à representação e prática social do capital.

Isso nos leva ao encontro de Bonafé (2013, p. 448), que defende poderem, os espaços centrais da cidade, como as praças e avenidas, ser lidos como centros comerciais por excelência, o que modifica o sentido real e original que tiveram os centros da cidade. Para Lamas (2004) um espaço de permanência e convivência. Com esse dado, o pesquisador considera esta mudança como responsável por novas alfabetizações urbanas. A partir disso, estes novos espaços são projetados de forma à convocação para o consumo, o que inviabiliza e restringe outros elementos ou características da vida urbana, como por exemplo a pobreza.

Deste modo, deparamo-nos com mais um evento de letramento da cidade, relacionado às relações econômicas, que envolvem a prática do comércio, a compra e venda que, levando-se em conta as características do espaço, conjuntamente aos atributos físicos observáveis da

diversidade de sujeitos que compõe a urbe, institui a possibilidade de serem identificados como pertencentes ou não àquele território, e conseqüentemente, de serem ou não cidadãos.

Por conseguinte, ao se olhar para o centro comercial, são identificados signos que tipificam relações sociais marcadas pela valorização da produção, do consumo e da mercadoria, que governam a vida cotidiana, e que se misturam aos diferentes valores culturais dos diferentes sujeitos que compõem aquele espaço, não para constituir um discurso de pluralidade, mas, sim, de estereótipos, marcado pela relação consumo/ócio, uma manifestação identitária ou excludente.

Considerações finais

Concluimos aqui o início de algumas reflexões que tendem a considerar a cidade não só na dimensão material, mas também nas relações e práticas sociais, historicamente situadas. Além de tudo, o quanto estas constituem a cidade e se projetam como textos que sugerem sensibilidades, percepções e um letramento ideológico (STREET, 2010), marcado por relações de poder que podem gerar a exclusão de determinados sujeitos que não façam parte dele.

No percurso de escrita, foi possível avaliar uma perspectiva subjetiva do que é ser cidadão, tomando como referência o modelo interpretativo ideológico, social e culturalmente determinado, do autor da Carta de Leitor. Ao interpretar os símbolos e signos da urbe, materializados nos diversos sujeitos da cidade e nas práticas engendradas neste espaço, o mesmo sugere, pela sua leitura, haver um lugar para ser e estar na cidade para cada categoria de sujeito.

Destarte, finalizamos ressaltando como os elementos e processos econômicos, matizados nas práticas de produção e consumo, tem o que podemos considerar um claro componente simbólico que mantém e perpetua uma estrutura de dominação e que gera identidades subjetivas, excludentes. Em vista disso, faz-se importante a análise e discussão teórica de eventos de letramento como o abordado neste artigo, para que possamos disseminar esta proposta de leitura dos espaços, não de uma forma ingênua, mas carregada de implicações ideológicas.

Referências

BAPTISTA, Wesley. *Patrimônio e educação das sensibilidades: por entre memórias e processos de significação do espaço urbano nas praças centrais da cidade de Bragança Paulista (2000-2015)*. 2017. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2017.

BONAFÉ, Jaume Martínez. A cidade no currículo e o currículo na cidade. In: SACRISTÁN, J. G. (Org.). *Saberes e incertezas sobre o currículo*. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 442-458.

BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2013. (Coleção Tudo é História, n. 52)

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. D. Mainardi. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

DIETZSCH, Mary Julia Martins. Leituras da cidade e educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 727-759, dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-5742006000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 jun. 2019.

DUCRET, Henry Charles. Cidade limpa. *Correio Popular*, Campinas, 11 maio 2019. Opinião, p. A3.

ESCOLANO, A. Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo. *In:* FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Trad. A. Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 19-58.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In:* KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KLEIMAN, Angela B. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas, Unicamp/MEC, 2005.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

PESAVENTO Sandra Jathay. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007a.

PESAVENTO Sandra Jathay. *História & história cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007b.

ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).

STREET, Brian. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. *In:* MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 33-53.

TABORDA, Marcus Aurélio. *Sentidos e sensibilidades: sua educação na história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou o planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Sobre o autor

Wesley Baptista. Doutorando e Mestre em Educação (USF), Especialista em Psicopedagogia (USF), Psicomotricidade (FCE), Educação Inclusiva (FCE) e graduado em Pedagogia (USF). Integrante do Grupo de Pesquisa Rastros: História, Memória e Educação (USF/CNPq). Atua como Psicopedagogo na rede pública de educação e Professor na graduação em Pedagogia e em cursos de pós-graduação na área da Educação.

E-mail: wesbaptista@gmail.com.